

# PALEO 2008

REUNIÃO ANUAL REGIONAL  
DA SOCIEDADE BRASILEIRA  
DE PALEONTOLOGIA



Foraminífero bentônico  
*Gayclinella beccariiformis*  
(Em. Calumbi, Paleoceno-Eoceno;  
largura = 200µm)

**ARACAJU - SE**

31 DE JANEIRO A 1 DE FEVEREIRO DE 2009



# **PALEO 2008**

## **REUNIÃO ANUAL REGIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PALEONTOLOGIA**

Aracaju - Sergipe

31 de Janeiro a 01 de Fevereiro de 2009

### **RESUMOS**

Coordenadores:

Wagner Souza Lima (FPH)  
Maria Helena Hessel





## REDAÇÃO DE TEXTOS PALEONTOLÓGICOS

MARIA HELENA HESSEL  
[helenahessel@gmail.com](mailto:helenahessel@gmail.com)

Como é difícil redigir, colocar em poucas palavras, tanta coisa que está na nossa cabeça, não? Cientificamente temos que escrever de forma lógica (com *Logos*, o conhecimento) e não de forma caótica (com *Caos*, a confusão). Sempre disse o saudoso Prof. Rodi Medeiros, que nós falamos e escrevemos o que está dentro de nossas cabeças, em nossa mente. Então, para redigir logicamente não podemos deixar que o *Caos* domine nosso processo mental. E para que o *Caos* desapareça é preciso colocar em seu lugar o *Logos*, o conhecimento. Assim, a regra número um para escrever bem é ler, estudar, adquirir o máximo de conhecimento sobre o tema que queremos desenvolver. Escrever sobre o que pouco sabemos gera frases óbvias e de pouca importância (que nunca devem estar presentes num resumo). Na redação científica, com *Logos*, deve naturalmente haver lógica que demonstre uma estrutura mental onde um tema precede temporalmente ou casualmente a outro. Então, num texto paleontológico, é necessário primeiro mostrar em que se baseia o trabalho (dados já conhecidos), e situar o leitor no tempo e no espaço, assim como no grupo de organismo estudado (com palavras não muito específicas). Em seguida, tendo em mente a pergunta na qual se baseia a pesquisa (pois toda a investigação séria deve responder claramente a uma ou mais questões), descrever o que realizou, com poucas palavras, pois o mais importante são os resultados obtidos. Eles devem ocupar a maior parte de um bom resumo, sendo relatados com coerência e exatidão. Depois dos resultados, vem a síntese ou conclusão deles e, se conveniente, uma frase sobre perspectivas de continuidade. Se temos conhecimento suficiente sobre um tema e sabemos encadear cronologicamente e casualmente um assunto (frase) no outro, resta verificar a estrutura linguística (verificando quem é o sujeito de cada frase e se o predicado concorda com este sujeito) e, por fim, a correção ortográfica. Se quisermos ainda melhorar o texto, podemos enriquecer nosso vocabulário (para não repetir sempre as mesmas palavras) e procurar saber o significado correto de cada palavra empregada (para evitar redundâncias dispensáveis ou descrição de termos já dicionarizados). A estas principais observações sobre um bom texto paleontológico, só resta acrescentar que se deve ponderar sobre a importância do tema escolhido para o desenvolvimento científico de nossa comunidade.

## BIVÁLVIOS INOCERAMÍDEOS MAIS ANTIGOS DO BRASIL

EDILMA DE JESUS ANDRADE<sup>1</sup>

Núcleo de Pós-Graduação e Estudos em Recursos Naturais /UFS, São Cristóvão, SE, e Fundação Paleontológica Phoenix, Aracaju, SE, [edilma@phoenix.org.br](mailto:edilma@phoenix.org.br)

MARIA HELENA HESSEL

[helenahessel@gmail.com](mailto:helenahessel@gmail.com)

Os bivalvíos inoceramídeos surgiram no Permiano e extinguiram-se no final do Cretáceo, evoluindo lentamente no Jurássico e início do Cretáceo. No Eocretáceo (Berriasiano-Aptiano), ainda que pouco estudados, são raros, e sua distribuição é freqüentemente bipolar, provavelmente limitada a mares mais frios do que o mar de Tethys. No Albiano, com início das transgressões marinhas, houve uma radiação generalizada de invertebrados, inclusive com o surgimento de novos gêneros de inoceramídeos: *Neocomiceramus* Pokhialien 1972, *Actinoceramus* Meek 1864 e *Anopaea* Eichwald 1861. No Brasil, as formas mais antigas até hoje descritas provêm do Mesoalbiano de Sergipe (Formação Riachuelo), representadas por *Inoceramus concentricus* White 1889 e *I. urubuensis* Maury 1937. Trabalhos de campo realizados em afloramentos dessa formação nos municípios de Riachuelo, Maruim, Divina Pastora, Santo Amaro das Brotas e Rosário do Catete, revelaram alguns representantes de inoceramídeos associados à fauna de amonóides eoalbianos. Em 2006, no afloramento Rosário do Catete 1 (UTM MC39 8.817.350N, 713.950E), foi possível coletar uma quantidade significativa dos amonóides *Douvilleiceras mammilatum* (Schlotheim 1813), *D. aequinodum* (Quenstedt 1849), *D. inaequinodum* (Quenstedt 1849), *Puzosia garajauana* (Maury 1930) e *Aiolococeras* sp., do gastrópodo *Turbo* spp., do equinóide *Hemiaster* sp., de icnofósseis de *Thalassinoides* sp., de fragmentos vegetais, escamas de peixes e pequenos caranguejos, além de uma espécie de inoceramídeo. A litologia é constituída predominantemente por calcarenitos. Foram coletados 38 exemplares bem preservados de conchas bivalves e valvas isoladas. A concha é fina e tem formato subcircular a subquadrado, com delicada ornamentação concêntrica de costelas assimétricas distribuídas irregularmente em direção à margem ventral, algumas parecendo quase lisas. A linha de charneira permite visualizar pequenas fossetas ligamentares. A análise preliminar desses inoceramídeos revelou que se trata de uma forma do gênero *Neocomiceramus*. A idade eoalbiana é indicada pela fauna associada de amonóides, comprovando ser esta a ocorrência de inoceramídeos mais antiga do Brasil. Esse achado também expande a área de distribuição geográfica dos inoceramídeos eoalbianos sul-americanos para áreas mais tetianas.

---

<sup>1</sup> Bolsista DCR/CNPq

## AMBIENTE DE VIDA DE *PSEUDOPTERA* (BIVALVIA, BAKEVELLIIDAE) DA FORMAÇÃO ROMUALDO, BACIA DO ARARIPE

ANA PAULA BRUNO

NEG-LABISE, Departamento de Geologia da UFPE, Recife, PE, [apsbruno@yahoo.com.br](mailto:apsbruno@yahoo.com.br)

ALCIDES NÓBREGA SIAL

NEG-LABISE, Departamento de Geologia da UFPE, Recife, PE

A espécie de *Pseudoptera* Meek 1873, ocorrente nas margas mais superiores da Formação Romualdo (Albiano) da porção leste da Bacia do Araripe, possui uma fina e pequena (cerca de 2cm) concha mitilidiforme de umbo agudo, pequena aurícula anterior e alongada aurícula posterior. Provavelmente foi um bivalvío semi-infaunal suspensívoro que vivia subverticalmente ancorado por um bissus em substratos moles, com as finas aurículas total ou quase totalmente enterradas, o que proporcionava maior estabilidade vertical. Esta estratégia de estabilização mecânica em bivalvíos de conchas delgadas, sem um processo ativo de enterramento, é comumente adotada em ambientes calmos com relativamente alta taxa de sedimentação [Seilacher, A. 1984. *Palaeontology* 27(2):207-237]. Para inferir a temperatura e salinidade paleoambientais, foram analisadas dez amostras de margas e nove diferentes restos de concha de *Pseudoptera* por isótopos estáveis de carbono e oxigênio. A análise isotópica de carbono mostrou valores de -5,2‰ a -8,2‰ nas margas e de -5,9‰ a -8,6‰ nas conchas, correspondente a águas mesohalinas. O resultado da análise isotópica de oxigênio nas mesmas amostras confirmou igual salinidade: de -6,3‰ a -6,9‰ nas margas e de -6,2‰ a -7,4‰ PBD nas conchas. A paleotemperatura do ambiente subaquoso, baseada nestes dados, indica regiões quentes (entre 33°C e 35°C), confirmando a preferência da maioria das espécies de *Pseudoptera* por climas tropicais. Os valores negativos obtidos com isótopos de carbono nas margas indicam também baixos teores de matéria orgânica em decomposição no substrato lodoso, o que é adequado a organismos não detritívoros como *Pseudoptera*. Sendo um organismo sésil e suspensívoro, *Pseudoptera* deveria ter habitado ambientes rasos, fóticos e oxigenados, onde houvesse fitoplâncton para se alimentar. Assim sendo, a espécie de *Pseudoptera* ocorrente na porção leste da Bacia do Araripe viveria no fundo lodoso de um ambiente marinho raso, calmo, bem oxigenado e com influxo de águas continentais (que proporcionavam uma boa taxa de sedimentação), como o ambiente de uma plataforma formada durante a retração de um golfo ou mar epicontinental, sob um clima quente. Este gênero, predominantemente tethiano, possivelmente habitava uma extensão rasa do mar de Tethis, registrada pela deposição de carbonatos de mesma idade nas bacias de Araripe (Formação Romualdo) e Grajaú (Formação Codó).

## MYTILOIDES SCUPINI (HEINZ) (BIVALVIA INOCERAMIDAE) NO NEOTURONIANO DE SERGIPE

EDILMA DE JESUS ANDRADE<sup>1</sup>

Núcleo de Pós-Graduação e Estudos em Recursos Naturais /UFS, São Cristóvão, SE, e Fundação Paleontológica Phoenix, Aracaju, SE, [edilma@phoenix.org.br](mailto:edilma@phoenix.org.br)

Trabalhos de campo realizados na bacia de Sergipe nos anos de 2001 a 2008 em seções turonianas das localidades Mata 11, Oiteiro 7, e Socorro 15, nos municípios de Laranjeiras e Nossa Senhora do Socorro, forneceram uma grande quantidade de fósseis, destacando-se bivalvíos inoceramídeos e amonóides que foram utilizados em estudos bioestratigráficos [Andrade, E.J. 2005. Tese de doutorado, Heidelberg Universität, 155p.]. O inoceramídeo *Mytiloides scupini* (Heinz, 1930), embora não tenha sido reconhecido anteriormente em Sergipe, é uma espécie comum nos depósitos neoturonianos dessa bacia. Coletas detalhadas na seção Mata 11, forneceram 20 espécimes, preservados principalmente como moldes internos de valvas esquerdas ou direitas e fragmentos de conchas. A concha é de tamanho médio a grande, medindo de 37 a 87mm de altura e 52 a 72mm de comprimento. Contorno subretangular a oval, inequilateral, inequivalva, ligeiramente inflada e eixo de crescimento reto. Linha da charneira reta e longa, bico ereto projetando-se acima da linha da charneira. Margem anterior moderadamente longa, ligeiramente convexa a reta passando ao longo da margem anteroventral, margem ventral arredondada. Aurícula posterior moderadamente grande, plana e subtriangular. Ornamentação consiste em rugas concêntricas arredondadas, espaçadas, com interespaços planos relativamente largos, que aumentam em direção à região ventral. Em alguns exemplares as rugas variam na largura e no espaçamento. A ornamentação prolonga-se suavemente até a aurícula. Parte juvenil geralmente coberta somente por linhas de crescimento. *M. scupini* ocorre no Neoturoniano do *Western Interior* (EUA e Canadá), México, Alemanha, Espanha, França, Inglaterra, Polônia, República Tcheca e Romênia. Na América do Sul, além do Brasil (bacia de Sergipe), ocorre também na Colômbia. *Mytiloides scupini* corresponde a uma biozona de intervalo de inoceramídeos do Turoniano superior, que é definida pelo intervalo entre a primeira ocorrência de *M. scupini* (Heinz) e a primeira ocorrência de *Cremonceramus waltersdorfensis waltersdorfensis* (Andert). A parte inferior dessa biozona é caracterizada por uma fauna composta de *M. scupini*, *M. herbichi* (Atabekyan), *M. labiatoidiformis* (Tröger) e *Inoceramus longevalatus* Tröger. A parte superior é dominada por *M. scupini*, *M. mytiloidiformis* (Tröger) e *M. labiatoidiformis*, e raras ocorrências de *M. incertus* (Jimbo) e *Didymotis* sp.

---

<sup>1</sup> Bolsista DCR/CNPq

# ALGUNS EQUINÓIDES DA PORÇÃO SUPERIOR DA FORMAÇÃO QISHN, APTIANO INFERIOR DA REGIÃO DE HAUSHI-HUQF, BACIA INTERIOR DE OMAN, PENÍNSULA ARÁBICA

WAGNER SOUZA-LIMA

Fundação Paleontológica Phoenix, FPH, Aracaju, SE, [wagner@phoenix.org.br](mailto:wagner@phoenix.org.br)

CYNTHIA LARA DE CASTRO MANSO

Fundação Paleontológica Phoenix, FPH, Aracaju, SE, [cynthia@phoenix.org.br](mailto:cynthia@phoenix.org.br)

A região de Haushi-Huqf, localizada na porção central de Oman, é um alto estrutural no qual a porção oriental da bacia do Interior de Oman (Oman Interior Basin) aflora. Nesta área, as formações Qishn e Nahr Umr representam, respectivamente, o intervalo Barremiano superior-Aptiano inferior e Albiano nesta região, registrando alguns dos eventos marinhos transgressivos que cobriram amplas porções da Península Arábica durante o Mesocretáceo. Com uma evolução pós-deposicional complexa, passando por processos de soterramento, soerguimento, basculamento e intensa denudação, a atual paisagem permite vislumbrar um fundo oceânico virtualmente exumado, tal como seria há cerca de 120Ma. Um caminhamento NW-SE de cerca de 1200m realizado em Wadi Bauw, na porção SE de Jabal Dumur, permitiu acompanhar ininterruptamente a transição de paleoambientes deposicionais desde uma plataforma restrita (lagunar), até uma plataforma marinha aberta, situada abaixo do nível de ação das ondas de tempestade. Os exemplares de equinóides estudados são provenientes da porção superior da Formação Qishn (Seqüência IV) [Immenhauser *et al.*, 2004. *GeoArabia* 9 (1): 153-194], datada como eoaptiana com base na presença do foraminífero *Voloshinoides murgensis* e dos rudistas *Glossomyophorus costatus*, *Offneria nicolinae* e *O. murgensis*. Todos os exemplares foram coletados em fácies margosas, dominadas por foraminíferos orbitolinídeos, no que seria a porção externa da plataforma aberta, imediatamente após a ocorrência de *shoals* carbonáticos constituídos por *grainstones/packstones* oncolíticos/peloidais e rudistas, que ocorrem associados a bioconstruções do consórcio *Lithocodium/Bacinella*. Uma análise preliminar possibilitou identificar as espécies *Macraster benguellensis* (de Loriol), *Tetragramma deshayesi* (Cotteau) e *Coenholectypus* cf. *neocomiensis*. As características morfológicas sugerem que, embora *Tetragramma* tivesse sido epifaunal e *Coenholectypus* endofaunal, ambos habitariam ambientes rasos e protegidos, compostos por sedimentos grossos arenosos. Por outro lado, o gênero *Macraster* seria melhor adaptado a ambientes mais profundos ou onde o teor de oxigênio poderia ser mais baixo, sendo mais compatível com o ambiente onde foi encontrado. Desta forma, é provável que os representantes de *Coenholectypus* e *Tetragramma* tenham sido transportados das regiões lagunares e/ou próximas dos *shoals* carbonáticos para as áreas mais profundas, de características de *fore-reef*.

# PALEONTOLOGIA E PALEOECOLOGIA DOS EQUINÓIDES DO TURONIANO (CRETÁCEO SUPERIOR) DE SERGIPE

EDILMA DE JESUS ANDRADE<sup>1</sup>

Núcleo de Pós-Graduação e Estudos em Recursos Naturais /UFS, São Cristóvão, SE, e Fundação Paleontológica Phoenix, Aracaju, SE, [edilma@phoenix.org.br](mailto:edilma@phoenix.org.br)

CYNTHIA LARA DE CASTRO MANSO

Fundação Paleontológica Phoenix, FPH, Aracaju, SE, [cynthia@phoenix.org.br](mailto:cynthia@phoenix.org.br)

Foram estudados os equinóides do Turoniano da bacia de Sergipe, provenientes das localidades Retiro 26, Oiteiro 19 e Mata 11. Os exemplares amostrados pertencem às seguintes espécies: *Phymosoma baylei* (Cotteau, 1864), *Petalobrisus cubensis* (Weisbord, 1934), *Mecaster batnensis* (Coquand, 1862) e *M. fourneli* (Agassiz & Dessor, 1847). O estudo da morfologia desses exemplares permitiu evidenciar diferentes habitats e modos de vida dessa fauna ao longo do Turoniano. No Turoniano inferior, a presença do equinóide regular *P. baylei* demonstrou a existência de um ambiente mais raso de sedimento carbonático fino consolidado, onde provavelmente esta espécie alimentava-se de pequenos organismos, raspando o substrato. Nesse intervalo inferior o equinóide irregular *M. batnensis*, que teria vivido infaunalmente em sedimento fino, num ambiente mais profundo, pobremente permeável, onde esses organismos eram comedores de depósitos e mantinham todo espaço em volta de sua carapaça preenchida por água através de um funil apical construído pelos pódios do ambulacro anterior que atingiam a interface sedimento-água. No Turoniano médio foi observada a ocorrência de *P. cubensis*, denunciando a existência de um ambiente mais raso e pobre, constituído de areias carbonáticas. Os representantes desta espécie possivelmente viveram semi-enterrados permitindo que somente suas pétalas curtas ficassem fora do sedimento. Esse recurso possibilitaria uma certa camuflagem contra predadores além de que esses animais dispusessem dos alimentos obtidos no interior do sedimento, através da ingestão concomitante de pequenos organismos. *M. fourneli* ocorreu no Turoniano superior onde foi abundante ao longo desse intervalo. Esta espécie teria habitado ambiente mais profundo do que aquele em que *M. batnensis*, se enterrando em sedimentos finos a médios, evidenciando alternâncias de ambientes rasos e profundos na plataforma de Sergipe. O maior número de pares de poros no ambulacro III (anterior) encontrado nesse equinóide indica a existência de um tubo mais longo do que aquele encontrado em *M. batnensis*, o que possivelmente estaria relacionado à capacidade de enterramento mais profundo do que em *M. batnensis*. Esse recurso seria vantajoso no sentido de proteger esses animais contra a ação de predadores.

---

<sup>1</sup> Bolsista DCR/CNPq

# ANÁLISE TAFONÔMICA DA ICTIOFAUNA DA FORMAÇÃO MORRO DO CHAVES, CRETÁCEO INFERIOR DA BACIA DE SERGIPE-ALAGOAS, NORDESTE DO BRASIL<sup>1</sup>

RAFAELA PETRA<sup>2</sup>

Departamento de Zoologia, IBRAG/UERJ, Rio de Janeiro, RJ, [rafaelapetra@hotmail.com](mailto:rafaelapetra@hotmail.com)

VALÉRIA GALLO<sup>3</sup>

Departamento de Zoologia, IBRAG/UERJ, Rio de Janeiro, RJ, [gallo@uerj.br](mailto:gallo@uerj.br)

A bacia de Sergipe-Alagoas faz parte do conjunto de bacias da margem continental leste brasileira. Sua importância está relacionada ao fato de possuir a mais completa sucessão sedimentar, compreendendo registros sedimentares do Paleozóico, da fase pré-rifte no Jurássico, da fase rifte no Eocretáceo e as sucessões sedimentares mais recentes relacionadas à fase drifte. O objeto de estudo, a Formação Morro do Chaves, consiste de sedimentos do Cretáceo Inferior relacionados ao estágio rifte. A ictiofauna presente é diversificada, abundante e bem preservada, com registros de semionotídeos, elopomorfos, clupeomorfos, gonorhynchiformes, salmoniformes, enchodontídeos e mawsonídeos, associados à presença de bivalvíos, gastrópodes, ostracodes e palinomorfos. Apesar do paleoambiente ser interpretado como lacustre, evidências geológicas (espessos pacotes de coquinas, formação de concreções carbonáticas) e paleontológicas (presença de Enchodontidae) sugerem influência marinha nesta unidade. O material é proveniente da pedreira Atol situada no Município de São Miguel dos Campos (AL). A coleta baseou-se na descrição das feições macroscópicas das concentrações fossilíferas (grau de empacotamento e seleção dos bioclastos, arranjo tridimensional dos organismos na matriz sedimentar e orientação azimutal). Os bioclastos apresentam-se em boas condições de preservação, articulados, orientação polimodal e concordantes ao plano de acamamento. A concentração fossilífera foi preservada em camadas/pavimentos distintos com estrutura interna complexa, exibindo variação vertical das feições bioestratinômicas e sedimentológicas, reflexo da ação de múltiplos eventos de erosão e deposição, gerados por agente único. Os fósseis foram depositados em sedimentos finos com presença de pirita, indicativa de condições anóxicas/disóxicas próximas ao fundo, provocando mortandade em massa da biota. Em associação à ictiofauna, verificou-se a presença de ostracodes com carapaças fechadas, evidenciando rápido soterramento. A tafocenose foi interpretada como sendo parautóctone, devido à presença de ossos em posição anatômica original. O baixo grau de retrabalhamento e seleção hidráulica indicam que a tafocenose foi gerada em sistema continental, precisamente lacustre.

---

<sup>1</sup> Apoio: FAPERJ (E-26/111.558/2008 - Apoio a Grupos Emergentes de Pesquisa e E-26/103.018/2008 - Jovem Cientista do Nosso Estado)

<sup>2</sup> Bolsista FAPERJ

<sup>3</sup> Bolsista de Produtividade do CNPq

## NOVA OCORRÊNCIA DE *APOCOPODON SERICEUS* (MYLIOBATIFORMES, MYLIOBATIDAE) NA BACIA DA PARAÍBA, NE DO BRASIL

FELIPE SANTANA  
LAGESE/DGEO/UFPE, Recife, PE, [lipegt@hotmail.com](mailto:lipegt@hotmail.com)

JOSÉ ANTONIO BARBOSA  
PRH-26/ANP/UFPE, Recife, PE, [barboantbr@yahoo.com.br](mailto:barboantbr@yahoo.com.br)

PEDRO JORGE FERREIRA PEREIRA  
LAGESE/DGEO/UFPE, Recife, PE

O presente trabalho traz a descrição preliminar de uma nova ocorrência da raia da espécie *Apocopodom sericeus* (Myliobatiformes, Myliobatidae), representada por uma placa dentária incompleta com a porção anterior preservada. O fóssil foi coletado nos estratos paleocênicos da Formação Maria Farinha (Daniano) da Bacia da Paraíba. Nesta bacia os Myliobatiformes estão representados por três táxons: *Apocopodom sericeus*, *Rhinoptera prisca* e *Myliobatis* sp. A espécie *Rhinoptera prisca* foi descrita a partir de uma placa dentária incompleta [Woodward, A. S. 1907 *Geol. Mag.* 4 (515): 193-197]. O gênero *Apocopodom sericeus* foi descrito por Cope [Cope, E. D. 1886 *Proc. Am. Philos. Soc.*, 23 (121); 1-21], e mais tarde revisado por Woodward [Woodward, A. S. 1907 *Geol. Mag.* 4 (515): 193-197], a partir de um dente isolado e três dentes articulados [Santos, R. S. e Gomes U. L. 1987 X CONGR. BRAS. PALEONT., 1:37-53]. Todas essas formas, assim como o material aqui descrito, foram coletadas nos afloramentos da mina Poty e em pedreiras artesanais na região de Paulista, cerca de 30km a norte de Recife. O material coletado representa uma placa medindo 5,7 cm de largura por 3,5 cm na porção antero-posterior. A placa é composta por 22 dentes, articulados, distribuídos em oito fileiras longitudinais. A superfície oral é abaulada, e a base da placa apresenta superfície côncava. Os dentes apresentam aspecto pavimentoso, superfície da coroa com contorno hexagonal e camada de esmalte com aspecto rugoso. Na porção central da placa, a coroa apresenta três vezes a altura da raiz, chegando a uma vez e meia na borda lateral. Aparentemente, as suturas que unem os dentes não apresentam aspecto “plissado” ou serrilhado [Santos e Gomes 1987 X CONGR. BRAS. PALEONT., 1:37-53], parecendo estar unidos por suturas lisas. A raiz de todos os dentes é do tipo polyaulacorhize, sendo fixadas ao tecido cartilaginoso por uma série de lâminas separadas por sulcos, em geral profundos (que atingem aproximadamente a metade da raiz), mas por vezes vestigiais, muito rasos. As raízes dos dentes apresentam três ou quatro lâminas radiculares. O exemplar aqui descrito, com sutura lisa entre os dentes, representa a porção posterior de uma placa dentária de *A. sericeus*.

# FAUNA PLEISTOCÊNICA EM SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE, PERNAMBUCO

ARNALDO VITORINO DA SILVA

Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de Santa Cruz do Capibaribe, PE, [avs@hotmail.com](mailto:avs@hotmail.com)

ALEX SOUZA MORAES

Programa de Pós-Graduação em Geociências, UFPE, Recife, PE, [alex.moraes@ufpe.br](mailto:alex.moraes@ufpe.br)

SONIA AGOSTINHO

Departamento de Geologia, UFPE, Recife, PE, [sonia@ufpe.br](mailto:sonia@ufpe.br)

CRISTIANO APRÍGIO

Programa de Pós-Graduação em Geociências, UFPE, Recife, PE

DANIEL RODRIGUES DE LIRA

Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFPE, Recife, PE

ANTÔNIO ÁLAMO FEITOSA SARAIVA

Departamento de Ciências Físicas e Biológicas, URCA, Crato, CE, [alamocariri@yahoo.com.br](mailto:alamocariri@yahoo.com.br)

A megafauna pleistocênica brasileira é bastante conhecida desde o século XIX. Os relatos indicam que os restos são geralmente preservados por calcificação, silicificação e permineralização, em solos arenosos de pequenas lagoas aterradas por sedimentos quaternários. Estes depósitos foram comumente formados em pequenas depressões naturais do embasamento cristalino, sendo denominadas tanques. Nos arredores da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, no agreste setentrional de Pernambuco, foram registradas algumas ocorrências dessa megafauna, composta principalmente por mamíferos. Em recente trabalho de campo foi possível observar e coletar restos desses animais nas margens de três tanques, cujo depósito sedimentar contendo restos fósseis tinha sido retirado por moradores locais, que utilizam hoje a depressão para armazenamento de água da chuva. No material retirado dos tanques e acumulado em suas margens, predominam ossos isolados de *Eremotherium* sp., uma grande preguiça que habitou os campos cerrados pleistocênicos do Brasil. Também ocorrem fragmentos ósseos de *Mastodonte* sp., um tipo de elefante herbívoro, e dentes de *Toxodon lopesi* (Roxo 1921), um mamífero notoungulado similar a um rinoceronte, todos de idade pleistocênica. Os ossos possuem densidade variada, sugerindo que o grau de permineralização e substituição ocorreram de forma diferenciada. Alguns fragmentos de ossos se encontram relativamente polidos, mas outros têm arestas angulosas, sugerindo que foram quebrados durante sua remoção do tanque. Há uns poucos ossos que mostram fraturas consolidadas, evidenciando uma fragmentação pós-deposição, seguida por posterior litificação diagenética. Com esta análise preliminar destes depósitos pleistocênicos de Santa Cruz do Capibaribe observa-se a necessidade de urgentes estudos por especialistas para que este patrimônio não venha a ser irremediavelmente perdido pelo manuseio inadequado dos tanques fossilíferos e possa ser valorizado, gerando atividades rentáveis de geoturismo no semi-árido nordestino.

# DIVULGAÇÃO DA PALEONTOLOGIA NO ENSINO MÉDIO NA CIDADE DO CRATO: ESTÁGIOS CURRICULARES DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA URCA

ALEXANDRE MAGNO FEITOSA SALES

Depto. Ciências Físicas e Biológicas URCA, Crato, CE, [amfsales@urca.br](mailto:amfsales@urca.br)

KARLA JANAISA GONÇALVES LEITE<sup>1</sup>

Curso de Ciências Biológicas, URCA, Crato, CE, [karlinha\\_aurora@hotmail.com](mailto:karlinha_aurora@hotmail.com)

MARGARIDA ANGÉLICA RAMOS SIEBRA

Depto. Ciências Físicas e Biológicas URCA, Crato, CE, [balaida@hotmail.com](mailto:balaida@hotmail.com)

PEDRO HUDSON RODRIGUES TEIXEIRA<sup>2</sup>

Curso de Ciências Biológicas, URCA, Crato, CE, [pedrohudson@yahoo.com.br](mailto:pedrohudson@yahoo.com.br)

ALINE MOUNIELLE BEZERRA SANTOS<sup>2</sup>

Curso de Ciências Biológicas, URCA, Crato, CE, [alinemounielle@bol.com.br](mailto:alinemounielle@bol.com.br)

O curso de Ciências Biológicas da Universidade Regional do Cariri (URCA), no Crato, Ceará, tem em sua grade a disciplina Paleontologia, sendo o único curso, em todo território da Bacia do Araripe a ministrar tal disciplina. Os fósseis cretáceos da Formação Santana tem destaque nacional e internacional pela excepcional qualidade de sua preservação, quantidade de exemplares e boa diversidade da paleobiota. Porém, a população da região do Cariri cearense pouco conhece o seu patrimônio paleontológico e o potencial de seus depósitos fossilíferos. Há uma notória carência de textos básicos regionais sobre a Paleontologia e da bacia para paleontólogos amadores, estudiosos, alunos e professores de escolas. O Grupo de Pesquisa da Chapada do Araripe (GPCA), através de uma abordagem didático-pedagógica está desenvolvendo o estímulo e a facilitação da divulgação da Paleontologia e depósitos fossilíferos da região nas escolas de nível médio. O projeto pretende formatar produtos desenvolvidos, como textos didático-pedagógicos e um livro, baseados em pesquisas bibliográficas que abrangeram mais de 1.000 trabalhos científicos e/ou livros sobre a Bacia do Araripe e visitas a sítios fossilíferos para coleta de material. Com relação à metodologia de ensino foram pesquisados textos dirigidos ao ensino médio desenvolvidos por universidades brasileiras. No Crato, oito escolas de nível médio foram selecionadas para aplicação de metodologia investigativa (palestras e questionários) e consolidação de um futuro intercâmbio com os alunos de Biologia da URCA. Importantes tópicos como, histórico e ramos da Paleontologia, processos de fossilização, tafonomia, tempo geológico, rochas sedimentares, patrimônio fossilífero, paleoturismo serão abordados. O objetivo final deste projeto do GPCA é a apresentação de um material didático-pedagógico com abordagem regional que favoreça a difusão da Paleontologia do Araripe, tendo como multiplicadores os estudantes do curso de Ciências Biológicas da URCA durante seus estágios curriculares, para utilização nas disciplinas e ações docentes supervisionadas, tendo como público alvo os professores e alunos de escolas de nível médio na cidade do Crato e arredores.

<sup>1</sup> Bolsista IC-CNPq

<sup>2</sup> Bolsista IC-FUNCAP

# ROTEIROS DE CAMPO DA DISCIPLINA DE PALEONTOLOGIA DA URCA E O INCREMENTO DO PALEOTURISMO NO TERRITÓRIO DO GEOPARK ARARIPE, CARIRI CEARENSE

ALEXANDRE MAGNO FEITOSA SALES

Depto. Ciências Físicas e Biológicas URCA, Crato, CE, [amfsales@urca.br](mailto:amfsales@urca.br)

ALINE MOUNIELLE BEZERRA SANTOS<sup>1</sup>

Curso de Ciências Biológicas, URCA, Crato, CE, [alinemounielle@bol.com.br](mailto:alinemounielle@bol.com.br)

PEDRO HUDSON RODRIGUES TEIXEIRA<sup>1</sup>

Curso de Ciências Biológicas, URCA, Crato, CE, [pedroHUDSON@yahoo.com.br](mailto:pedroHUDSON@yahoo.com.br)

KARLA JANAISA GONÇALVES LEITE<sup>2</sup>

Curso de Ciências Biológicas, URCA, Crato, CE, [karlinha\\_aurora@hotmail.com](mailto:karlinha_aurora@hotmail.com)

MARIA EDENILCE PEIXOTO BATISTA

Curso de Ciências Biológicas, URCA, Crato, CE, [edenilcebio@hotmail.com](mailto:edenilcebio@hotmail.com)

JOSÉ ARTUR FERREIRA GOMES DE ANDRADE

DNPM 10º; Crato, CE, [artur.andrade@dnpm.gov.br](mailto:artur.andrade@dnpm.gov.br)

A bacia do Araripe representa, no contexto geológico e paleontológico brasileiro e internacional, um cenário de grande valia, principalmente as sequências sedimentares cretáceas da Formação Santana, onde ocorrem fósseis em grande quantidade, qualidade e diversidade. O paleoturismo na região do Cariri cearense, com visitas a museus e a afloramentos fossilíferos (sob supervisão do DNPM), é sistematicamente organizado por instituições de pesquisa e de ensino superior. Atualmente, com a implantação e divulgação do “Geopark Araripe”, com suas janelas para o passado da Terra, tem havido crescente interesse regional de escolas, instituições, órgãos do Estado do Ceará e empresas do setor de turismo. O Grupo Pesquisa Chapada do Araripe (GPCA) tem incentivado o paleoturismo e seu potencial em feiras, congressos e eventos, em nível nacional e internacional. Como resultado destas ações, atualmente estão sendo elaborados roteiros paleoturísticos para aulas de campo da disciplina de Paleontologia da URCA e para atividades correlatas desenvolvidas por visitantes da bacia do Araripe: um para a região de Nova Olinda e Santana do Cariri e outro para os municípios de Crato e Barbalha. Os geosítios situados nestas áreas foram analisados seguindo protocolo que apresenta: abundância/raridade influenciando a coleta, extensão com vistas à capacidade de carga, grau de conhecimento científico existente, utilidade como modelo ilustrativo de processos geológicos, diversidade de elementos de interesse, local-tipo, associação com elementos de índole cultural, associação com outros elementos da natureza e estado de conservação [Nascimento *et al.*, 2008. Geodiversidade, geoconservação e geoturismo, SBG, 2008, 84p.]. A elaboração destes roteiros paleontológicos visa facilitar a compreensão da Geologia e da Paleontologia da bacia do Araripe em campo pelos alunos, consolidando seu conhecimento acadêmico, despertar e sensibilizar a população local e acadêmica da URCA, e chamar a atenção do receptivo turístico regional para o potencial deste tipo de turismo, o que pode gerar renda e desenvolvimento sustentável.

<sup>1</sup> Bolsista IC-CNPq

<sup>2</sup> Bolsista IC-FUNCAP

# ICNOFÓSSEIS DO MEMBRO BOACICA DA FORMAÇÃO BATINGA, NEOCARBONÍFERO DA BACIA DE SERGIPE-ALAGOAS

WAGNER SOUZA-LIMA

Fundação Paleontológica Phoenix, FPH, Aracaju, SE, [wagner@phoenix.org.br](mailto:wagner@phoenix.org.br)

RICARDO MONTEIRO FARIAS

Fundação Paleontológica Phoenix, FPH, Aracaju, SE, [ricardomonteiro@phoenix.org.br](mailto:ricardomonteiro@phoenix.org.br)

O Membro Boacica da Formação Batinga (bacia de Sergipe-Alagoas) caracteriza-se por uma intercalação rítmica de siltitos laminados, folhelhos e arenitos muito finos. A associação faciológica representa a intercalação de folhelhos e siltitos pro-deltaicos com areias de frentes deltaicas. Embora seu conteúdo fóssil seja pobre, algumas análises recuperaram palinomorfos característicos do Eo a Mesopensilvaniano (Carbonífero superior) [Tschudy, R.H. 1957. Palynological report. PETROBRAS; Dino, R. *et al.*, 2002. 41 CONGR. BRAS. PALEONT., *Resumos*, p. 659]. Esta unidade apresenta alguns níveis com abundantes icnofósseis, embora não sejam constantes ao longo de toda sua seção. Os níveis mais oxidados, de coloração avermelhada, são especialmente ricos. As associações são pouco diversificadas, representando icnitos de repouso (*cubichnia*), locomoção (*repichnia*) ou alimentação (*fodinichnia*), consistindo em pelo menos quatro morfotipos: 1) pistas bilobadas com cerca de 6mm de largura, em hiporelevo convexo ou epirelevo côncavo, separadas por uma crista pouco proeminente, com estriações transversais que lhe conferem um aspecto granular; 2) impressões ovais em forma de “grãos de café”, isoladas ou associadas a uma das extremidades do morfotipo “1”, em hiporelevo convexo ou epirelevo côncavo; 3) escavações alongadas, ovaladas, bilobadas, mais profundas em sua porção mediana, com uma crista central, e internamente estriadas, e 4) escavações de paredes lisas, irregularmente sinuosas ou meandranes, com cruzamentos aleatórios. O morfotipo “1” provavelmente corresponde à icnoespécie *Isopodichnus problematica* Schindewolf, 1921, por vezes referida ao icnogênero *Cruziana*, com o qual pode apresentar homeomorfia [Seilacher, A. 2007. Trace Fossil Analysis, Springer, 226 p.]. Os morfotipos “2” e “3” são característicos do icnogênero *Rusophycus*, sendo provável que o morfotipo “2” tenha sido produzido pelo mesmo tipo de organismo do morfotipo “1”. O morfotipo “4” provavelmente representa o icnogênero *Helminthoidichnites*. Os morfotipos “1”, “2”, e “3” são usualmente interpretados como produzidos pela ação de trilobitas. Porém, devido às dimensões muito reduzidas e uniformidade dos traços, é provável que tenham sido gerados pela atividade de crustáceos branquiópodos [Pollard, J.E. 1985. *Transactions of the Royal Society of Edinburgh* 76: 273-285]. O morfotipo “4” foi produzido, provavelmente, por organismos nematomorfos [Buatois *et al.*, 1997. *Journal of Paleontology* 71(2): 324-336]. O ambiente onde os organismos viveram foi subaquoso, lamoso, relativamente calmo e raso. A associação pode representar tanto a icnofácies *Cruziana* como *Mermia*, não sendo, portanto, suficiente para caracterizar o ambiente como marinho ou lacustre.

## NOVOS ICNOFÓSSEIS DA FORMAÇÃO INAJÁ (DEVONIANO), BACIA DE JATOBÁ

SONIA AGOSTINHO  
Departamento de Geologia, UFPE, Recife, PE, [sonia@ufpe.br](mailto:sonia@ufpe.br)

GLAUBER MATIAS DE SOUZA  
Departamento de Geologia, UFPE, Recife, PE, [glauber130@hotmail.com](mailto:glauber130@hotmail.com)

A bacia de Jatobá está localizada nos estados de Pernambuco e Bahia, ocupando uma área de aproximadamente 5.000km<sup>2</sup>. É limitada a norte pela falha de Ibimirim; a oeste pela falha de São Francisco (que a separa da sub-bacia de Tucano Norte); e a sul e leste pela borda flexural. A sequência paleozóica aflora a sul e sudeste da bacia, sendo constituída pelas formações Tacaratu (possivelmente siluriana), Inajá (devoniana) e Santa Brígida (permiana). A Formação Inajá, onde ocorrem os icnofósseis objeto deste trabalho, é representada por arenitos finos a grossos, com estratificação cruzada e intercalação de pelitos. Nesta unidade ocorrem palinórfos, bivalvíos do gênero *Nuculites* e gastrópodos belerofontídeos. Da região de Tacaratu e Petrolândia, em Pernambuco, já foram assinalados 11 icnogêneros: *Asteriacites*, *Aulichnites*, *Bifungites*, *Lockeia*, *Lophoctenium*, *Nonereites*, *Paleodyction*, *Phycosiphon*, *Planolithes*, *Rusophycus* e *Skolithos*. Em recente trabalho de campo na mesma área foram coletados novos exemplares de icnofósseis, revelando duas novas formas. Numa laje de 33cm por 27cm foram preservados em relevo epicnial positivo, diversos exemplares de *Palaeophycus*. São perfurações lineares, raramente ramificadas preenchidas por material sedimentar, entrelaçadas e dispostas subparalelamente ao plano de acamadamento. Estes tubos têm sido considerados um produto da movimentação de organismos vermiformes predadores em busca de alimento (tipo de icnito denominado Fodinichnia) ou suspensívoros, sendo então um icnito de habitação (Domichnia). Outro icnogênero agora encontrado na Formação Inajá é *Cruziana*, mostrando-se como pequenas escavações bilobadas alongadas, com estrias transversais. Esta forma é atribuída ao deslocamento de trilobitas ou crustáceos notostráceos, sendo considerado basicamente um icnito de locomoção (Repichnia), ainda que, se esta movimentação for para procurar alimento, possa ser considerado como um icnito tipo Fodinichnia. Ambas as formas ocorrem em ambientes bastante rasos, transicionais ou não marinhos.

# PALEOFLORA DA FORMAÇÃO MISSÃO VELHA, BACIA DO ARARIPE

FRANCISCO IDALÉCIO DE FREITAS  
Universidade Regional do Cariri, CE, [idalecio@geoparkararipe.org](mailto:idalecio@geoparkararipe.org)

MARIA HELENA HESSEL  
[helenahessel@gmail.com](mailto:helenahessel@gmail.com)

JOSÉ DE ARAÚJO NOGUEIRA NETO  
Universidade Federal do Ceará, CE, [noqueira@ufc.br](mailto:noqueira@ufc.br)

Apesar da grande quantidade de publicações sobre a geologia da Bacia do Araripe, sobretudo nas últimas décadas, o conhecimento sobre a Formação Missão Velha é ainda incipiente, sendo uma das unidades estratigráficas menos investigadas, cuja idade é ainda controversa (neojurássica?/neo-aptiana?). Sua sequência sedimentar é composta principalmente por arenitos de médio a grossos, por vezes conglomeráticos, com intercalações de siltitos e argilitos. Com este estudo, acrescentamos novas informações sobre a paleoflora desta unidade estratigráfica na porção do leste cearense da Bacia do Araripe, baseadas em recentes coletas de campo. Em 1922 foi registrada ocorrência de um folhelho betuminoso na porção superior da Formação Missão Velha, cujo conteúdo palinológico foi estudado por Lima [Lima, M.R. 1978. *Bol. Inst. Geoc.* 9:136-139], revelando abundantes cutículas vegetais e raros palinomorfos, com o predomínio de *Classopollis torosus* (atual *Corollina torosus* (Reissinger 1950)), pertencente às queirolepdíáceas. Beurlen [Beurlen, K. 1963. XVII Congr. Nac. Geol.: 1-47] registrou pela primeira vez a ocorrência de troncos silicificados na Formação Missão Velha, entre as localidades de Milagres e Missão Velha. Nos arenitos conglomeráticos desta unidade, nos municípios de Missão Velha, Brejo Santo, Abaiara e Mauriti, ocorrem abundantes fragmentos de madeira silicificada de até 25cm, e nos sítios Ribeirão, Pau Branco e Várzea Grande há troncos de até 2,20m de comprimento. As madeiras fósseis mostram apenas o xilema secundário com traqueídeos e canais resinosos, sem anéis de crescimento, preservados por petrificação das paredes e permineralização dos espaços celulares por sílica. A medula é bastante pequena, pois o xilema quase fecha a porção central do tronco. Há marcas de ramificação dispersas na superfície do lenho. Com estas feições (medula reduzida e ramos dispersos ao longo de troncos retilíneos e de grande porte, com madeira simples e canais resinosos), estes restos vegetais podem ser referidos ao gênero *Dadoxylon*, correspondendo a representantes das taxodiáceas, pináceas ou queirolepdíáceas.

## IMPORTÂNCIA DA DISCORDÂNCIA PRÉ-ARATU E SUAS IMPLICAÇÕES ESTRATIGRÁFICAS E TECTÔNICAS

PAULO CÉSAR GALM

Petróleo Brasileiro S.A. e Fundação Paleontológica Phoenix, Aracaju, SE, [pcgalm@petrobras.com.br](mailto:pcgalm@petrobras.com.br)

Com a implantação dos métodos bioestratigráficos na PETROBRAS a partir de 1988, pôde-se ter uma melhor integração dos dados bioestratigráficos nos trabalhos de exploração e exploração de petróleo, acarretando uma grande troca de conhecimentos entre os bioestratígrafos e os geólogos e geofísicos. Logo após o início dos trabalhos, foi identificada na bacia de Sergipe-Alagoas uma discordância de idade pré-Aratu (Rio da Serra superior: Valanginiano superior?), com hiato aproximado de 5Ma [Galm, P. C. & Santos, D. F. 1994. *Acta Geol. Leop.* 39(2): 555-562]. Esta discordância foi reconhecida pela ausência das subzonas dos ostracodes não-marinhas *Cypridea ventronodata* Krommelbein 1962, *Paracypridea maacki* Krommelbein 1964 e *Paracypridea bicallosa* Krommelbein 1964, sendo posteriormente identificada com a integração de dados de perfis *dipmeter*, sônico e raios gama, além de seções sísmicas. A ampliação do levantamento bioestratigráfico para outras áreas da bacia identificou a discordância em toda sua extensão, caracterizando-a como uma discordância de amplitude regional, inclusive ultrapassando os limites da bacia de Sergipe-Alagoas, sendo constatada também nas bacias do Recôncavo, Tucano, Jatobá, Potiguar e Espírito Santo. É possível que este evento se estenda para outras bacias da margem oeste africana, como a do Gabão, onde ocorre uma discordância aparentemente na mesma posição estratigráfica. O fato dessa discordância apresentar hiato tão significativo, mostra a atuação de um tectonismo comum para todas estas bacias, sugerindo que houve um soerguimento em escala continental. Esse soerguimento, ocorrido entre aproximadamente 135 e 130Ma antecedeu a implantação do *rift*, que causaria a ruptura do Gondwana. Na bacia de Sergipe-Alagoas, a discordância pré-Aratu separa rochas muito similares, compostas de folhelhos e arenitos deltaico-lacustres da Formação Barra de Itiúba, de idade Aratu e Buracica, das rochas da Formação Feliz Deserto, de idade Rio da Serra [Campos Neto *et al.*, 2007. *B. Geoci. Petrobras*, 15 (2): 405-415]. Acima desta discordância também são encontrados fácies de leques aluviais associados à borda de falha (Formação Rio Pitanga) evidenciando a implantação do *rift* no final do tempo Rio da Serra ou início do tempo Aratu.

# O CONSÓRCIO FORAMINÍFERO-ALGAL-MICROBIAL NAS PLATAFORMAS CARBONÁTICAS DE SERGIPE E SEU SIGNIFICADO PALEOBIOGEOGRÁFICO

WAGNER SOUZA-LIMA

Fundação Paleontológica Phoenix, FPH, Aracaju, SE, [wagner@phoenix.org.br](mailto:wagner@phoenix.org.br)

A plataforma carbonática da bacia de Sergipe-Alagoas aflora profusamente em Sergipe. Estabelecida timidamente no Mesóptiano (ca. 115Ma), apenas a partir do Eoalbio alcançou seu pleno desenvolvimento. Esta plataforma é constituída por *shoals* carbonáticos compostos por *grainstones* oncolítico-oolítico-bioclásticos. A distribuição espacial desses *shoals* configurou barreiras efetivas, separando regiões de alta (externa) e baixa energia (interna-lagunar), porém foge do modelo teórico de plataforma com margem em barreira bioconstruída. Uma ocorrência peculiar, mas pouco compreendida, são os denominados “*patch-reefs*”, *boundstones* cônicos isolados, esparsamente distribuídos, atingindo dimensões superiores a 1,5m de diâmetro e 1m de altura. Inicialmente denominados de “biolitos” ou “trombolitos”, foram depois atribuídos às algas solenoporáceas [Terra, G. J. S. & Lemos, V. B. 1999. 5 SIMP. CRET. BRAS., *Boletim*: 23-28]. Macroscopicamente apresentam textura trombolítica digitiforme, com bimodalidade textural, onde uma massa de aspecto homogêneo engloba bioclastos inteiros (p. ex., gastrópodos e bivalvíos) ou envolve *corallum* solitários, principalmente *Parasmilia* [Mascarenhas, G. B. C. 2004. Dissertação de Mestrado, UFBA, 77p.]. Análises petrográficas evidenciam um caráter essencialmente incrustante para sua geração. Consistem em aglomerados criptocristalinos maciços ou grumosos, por vezes com laminação, exibindo hábitos botrioidais. Algumas formas exibem microcavidades irregulares preenchidas por calcita espática (textura fenestral). As associações assemelham-se a ocorrências características de seções coevas do domínio tethiano. Neste contexto são atribuídas à ação de organismos incrustantes do gênero *Lithocodium* Elliott, interpretados como algas codiáceas, um organismo *incertae sedis* ou mesmo um foraminífero incrustante, mas atualmente considerados uma colônia de cianobactérias calcificadas [Cherchi, A. & Schroeder, R. 2006. *Fácies* 52:435-440]. Nas ocorrências tethianas, *Lithocodium* ocorre normalmente associado ao também enigmático microrganismo *Bacinella*, associação ainda não claramente diagnosticada em Sergipe, apesar de algumas semelhanças. O preenchimento dos embaiamentos por sedimentos da plataforma carbonática sugere que estas bioconstruções sofreram litificação precoce, constituindo feições positivas que se erguiam sobre o fundo do mar, porém em águas rasas. A associação de microrganismos incrustantes foi fundamental na geração do arcabouço, atuando ainda no aprisionamento e aderência das partículas. O consórcio *Lithocodium-Bacinella* é reconhecido no intervalo Valanginiano-Albiano do domínio Tethiano (Península Arábica, Espanha, Portugal, França, Itália, Suíça, Eslovênia, Croácia, Romênia, Ucrânia e Golfo do México). A detecção de formas semelhantes na bacia de Sergipe-Alagoas é uma evidência adicional à influência do Tethys nas primeiras incursões marinhas nessa região do golfo Atlântico.



**REALIZAÇÃO:**

